

## PREFÁCIO

«A História é a ficção das ficções.»

EDUARDO LOURENÇO *in*

*Eduardo Lourenço: A História É a Suprema Ficção*

«Registo\_

1. acto ou efeito de registar ou registar-se
2. acto ou efeito de inscrever um facto ou acontecimento para não ser esquecido

[...]»

*In Grande Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora, 2004*

Qualquer gesto, sopro ou acção é uma forma de registo. A necessidade de registo é inata ao ser humano, seja através do desenho, pintura, imagem ou até mesmo de um simples reflexo.

Desde os primórdios da Humanidade que necessitamos de ver a nossa imagem para entender quem somos, seja no reflexo da água, no fragmento de um vidro ou num espelho. A imagem reflectida que vemos é a nossa vã tentativa de registo. Ela seguirá o seu curso natural por via de neurónios, sinapses e neurotransmissores até se instalar no hipocampo, naquilo a que coloquialmente chamamos de memória.

Mesmo com todo o conhecimento acumulado pela Humanidade desde a aurora dos tempos, o que chega até nós são reminiscências. Esse pequeno fragmento visual ou emotivo que viaja no nosso cérebro já se encontra profundamente adulterado simplesmente porque o processámos e, ao percorrer o seu caminho, este foi sendo triturado, digerido, e o resquício que sobrevive é, no fundo, aquele que desde o início queríamos que ficasse.

É precisamente o resquício de algo maior que Ana Araújo permite que sobreviva nas páginas deste livro.

Milhares de anos antes daquilo a que chamamos de «Arte» ganhar esse nome, o ser humano já tinha, como inata, a necessidade de registo, fossem de acontecimentos, emoções ou pensamentos. Essencialmente, o que sempre quisemos foi registar-NOS, deixando uma memória, ainda que fugaz, da nossa mísera existência.

É uma tentativa inútil e pouco duradoura, de facto, se olharmos para a história do universo. A verdade é que pouco importa essa macro-história, porque o universo somos nós, os que partilhámos a mesma linha de espaço e de tempo. O universo não morre e nós sim. Então, que se foda o universo e fiquemos apenas com a nossa própria história, mesmo que pequena e insignificante. Porque é nossa – e a que realmente importa.

Ora, se considerarmos a literatura como a arte suprema e a nossa necessidade de registo como algo ancestral, então, não foram os grunhidos de dor ou de prazer que viraram consoantes e vogais e que depois determinaram a escrita, foi o advento da escrita que acabou por nos ajudar a moldar definitivamente a razão.

A escrita é apenas a tentativa cirúrgica de passar para o papel, de forma sucinta, sistematizada e erudita, o nosso natural caos mental e emocional. A escrita foi e é a derradeira forma de dar alguma ordem a esse caos, do qual iremos padecer. E é exactamente isso que nos traz *Primeira Pessoa do Singular*.

No livro, Ana Araújo estrutura as entrevistas de forma generosa (não interferindo ou manipulando), o que permite que

aqueles que se descrevem o façam com poder e liberdade absolutos, numa espécie de cristalização de processos e métodos de escrita dos nossos maiores poetas e romancistas. As respostas e não-respostas de cada um dos autores são feitas em plena solidão e em plena consciência – que é a única forma como a consciência sabe existir, em solidão.

Quando Adília Lopes afirma que a sua obra é imortal porque foi feita com amor, isso não advém de uma sublimação ou de um arrebatamento de ego, ela apenas espera que o leitor tenha a sagacidade suficiente para perceber que o amor é imortal para qualquer ser humano e, mais ainda, para um criador, porque sem amor, alma ou pulsão de vida não existe Verdade. Considero, pois, injusto quando os leitores reclamam da soberba de alguns poetas, visto que quem passa a vida a construir e a destruir o que acabou de criar, como todos afirmam neste livro, não poderá ser assim tão egocêntrico, bem pelo contrário, porque destruir, rasurar ou apagar uma obra que se acabou de escrever é como abortar um novo ser que emerge em nós e isso nunca poderá ser egoísmo, mas sim uma total abnegação, uma automutilação consciente por um propósito que se considera maior.

É verdade que muitas vezes não estamos seguros daquilo que queremos ou desejamos, porque cada um de nós é também uma construção ficcional própria. No entanto, sem o desejo que pressupõe um meio e um fim, não existiria a acção que é a origem de todas as coisas.

Vêm-me à memória as célebres «cenas fulgor» de Maria Gabriela Llansol, para quem um verso, uma pintura ou uma imagem deveria sempre conter em si o princípio do mundo, a pulsão que nos move e um clímax orgástico que espelhe a catarse de estarmos vivos. São estas as ideias-chave pelas quais vale a pena lutar, porque é apenas por termos sangue, tecido, vísceras e entranhas que efectivamente estamos vivos.

Almeida Faria afirma que «Por definição, o extraordinário não convive com o “normalmente”», mas o extraordinário está em todo

o lado. Na pulsão que sinto, num gesto que faço, num olhar de desprezo que recebo... tudo é extraordinário. Tudo é pleno e intenso. Tudo é cena fulgor. Tudo é vida até deixar de ser.

São também estes registos que, no meu exemplo insignificante, tento preservar nos meus filmes, registando os vários significados da nossa língua e da nossa literatura na convivência íntima com Saramago, Cesariny ou Eduardo Lourenço, escritores que, com o seu estilo próprio, conseguiram criar cápsulas de identificação com a nossa realidade nas suas mais variadas formas e que serão lidas e relidas por muitos séculos até os seus nomes virarem apenas um som ou um nome que apenas se balbucia, mas cujos livros ninguém lê. E mais tarde, o vazio. Ou como Saramago diria, no fim: «o universo nem sequer se dará conta de que nós existimos». Nada disto é justo, mas também não é injusto por ser esta a natureza das coisas.

E é por isso, Ana, que agradecemos por também tu nos ajudares com este livro, no tempo de vida que nos resta, a estruturar o saber e a ficarmos mais próximos do processo criativo daqueles que admiramos e tomamos como nossos.

No fundo, os escritores são o nosso espelho.

As palavras que expressaram nestas páginas, esses caracteres efémeros e fugazes, talvez permitam às próximas gerações, se assim o entenderem, vislumbrar aquilo que um dia eles foram e nós fomos.

Miguel Gonçalves Mendes,  
Setembro de 2019